

CULTURA PROFISSIONAL

CONCEITOS BÁSICOS DA DEFESA

Major FERDINANDO DE CARVALHO
Instrutor da ECEME

CONHECIMENTOS FUNDAMENTAIS

Define-se a defesa como o "emprego de todos os meios e processos disponíveis para impedir, deter ou destruir o ataque inimigo".

Considerado esse segundo conceito, defender não significa, absolutamente perder a iniciativa. Caracteriza a atitude defensiva o fato de a tropa ser disposta "pronta para enfrentar o ataque inimigo". Essa condição pode ser concretizada pela manutenção de acidentes capitais do terreno ou pela atuação ofensiva contra as forças adversárias.

É natural que o defensor, inferior em meios, tenha de sacrificar parte de sua liberdade de movimento em proveito da deliberada escolha de um terreno favorável à sua manobra. Mas, de nenhum modo, a defensiva implica em imobilidade e submissão à vontade do inimigo.

Constituem fatores básicos para o sucesso da defesa a utilização hábil do terreno, a surpresa e a ação bem coordenada e vigorosa das re-

servas e dos fogos de apoio, que podem proporcionar ao defensor uma superioridade, pelo menos local e momentânea, tendo em vista a vulnerabilidade a que se expõe uma tropa em operações ofensivas. Sem essas condições essenciais, a defesa se arrisca ao aniquilamento que só o valor moral poderá retardar.

A surpresa que desejamos obter, mas à qual não nos queremos sujeitar, envolve os aspectos da dissimulação e da segurança. A dissimulação tem por objetivo iludir o inimigo sobre nossos planos, dispositivos e possibilidades, induzindo-o a atuar em condições desvantajosas. A segurança abrange o conjunto de medidas indispensáveis para prevenir a surpresa, preservar a liberdade de ação e evitar que o inimigo obtenha informações sobre nossas forças.

O terreno, criteriosamente escolhido e preparado, amplia a eficiência dos meios defensivos.

É, entretanto, pelo emprego de suas reservas e de seus fogos que a defesa exerce função ativa, de-

sempenhando papel decisivo na destruição do inimigo.

A defensiva não proporciona a vitória. Seu emprégo judicioso é, porém, capaz de assegurar um desgaste acentuado sobre o adversário e é, muitas vezes, fundamental para a consecução dessa vitória.

FINALIDADES

Duas são as principais finalidades da defensiva :

— *Ganhar tempo* para aguardar o desenvolvimento de condições favoráveis a uma ofensiva.

— *Economizar forças* a fim de concentrar os meios necessários a uma ação ofensiva, desencadeada em outro local ou oportunidade.

A defensiva pode ser adotada voluntariamente ou ser imposta pela inferioridade de meios.

Em qualquer caso, a missão da tropa defensora poderá ser *impedir* ao inimigo a posse de determinada área, *conter* as suas forças ou *realizar*, sobre elas, o máximo de desgaste e desorganização.

É essa missão que deve condicionar o tipo de defesa a ser adotado, embora outros fatores, como o terreno e as características dos meios disponíveis possam influenciar favorável ou desfavoravelmente, a escolha de determinado tipo de ação defensiva.

A manobra defensiva procura, em síntese, obrigar o inimigo a atacar em circunstâncias desfavoráveis, entre as quais se incluem a inferioridade local, a vulnerabilidade dos fogos e o desconhecimento sobre o dispositivo e os meios do defensor. Nessas condições, a defesa poderá desorganizar e destruir o inimigo mediante ação ofensiva violenta e decisiva.

Só através de um planejamento cuidadoso, coordenado e adaptado às necessidades da manobra, conseguirá a defesa alcançar esse objetivo.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA AÇÃO DEFENSIVA

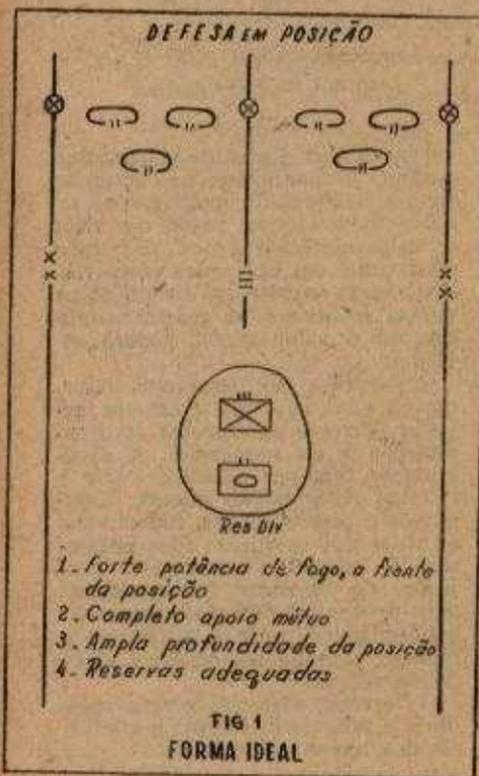
Os seguintes tópicos constituem os princípios básicos da ação defensiva :

a. *Utilização apropriada do terreno* — A defesa deverá tirar o maior partido do terreno para ampliar o poder de fogo e a eficiência combativa das tropas.

b. *Segurança* — Medidas de segurança devem contrapor-se à iniciativa do inimigo, para desvendar as condições de seu ataque e para proteger os defensores contra a surpresa.

c. *Apoio mútuo* — Pelo apoio mútuo, a defesa ganha integridade e solidez, impedindo a destruição, por partes, de seus elementos.

d. *Defesa em todas as direções* — Conquanto orientada segundo uma frente principal, os elementos da defesa devem estar em condições de se baterem em qualquer direção.

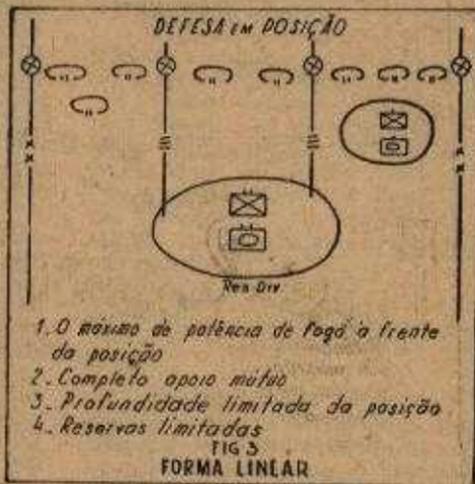


e. *Profundidade* — Precavendo-se contra a possibilidade de penetrações inimigas de vulto, a defesa deve possuir conveniente profundidade.

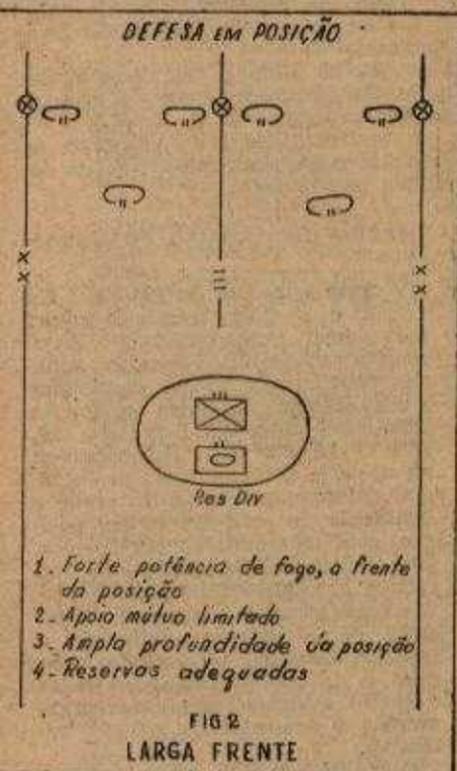
f. *Plano de fogos* — Através de um plano de fogos bem coordenado, a defesa tem possibilidades de submeter o inimigo a fogos, cujo potencial se amplia à medida que ele se aproxima da posição, e de apoiar os contra-ataques, para expulsá-lo ou destruí-lo.

g. *Plano de barreiras* — O plano de barreiras constitui uma suplementação dos obstáculos naturais, para limitar, ao máximo, a mobilidade do inimigo, retardando-lhe a ação e submetendo-o mais demoradamente à ação dos fogos da defesa.

h. *Flexibilidade* — A flexibilidade que o defensor deve manter, depende de sua mobilidade e da



existência de reservas a empenhar no momento decisivo.

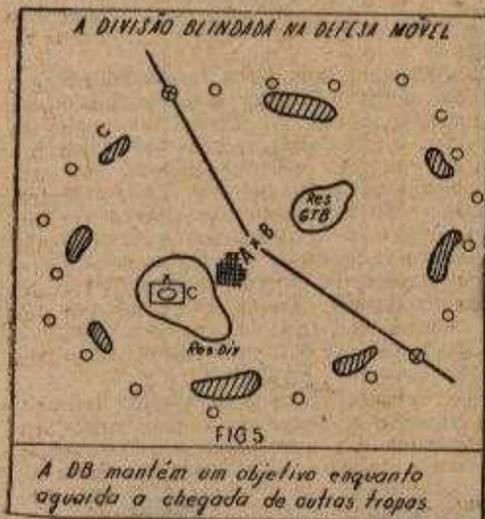


TIPOS DE DEFESA

Existem dois tipos fundamentais de defesa: defesa em posição e defesa móvel. Na defesa em posição, o grosso das forças instala-se em regiões selecionadas do terreno; as preocupações fundamentais são a manutenção dessas regiões e o controle dos intervalos entre as mesmas. Na defesa móvel, o grosso das forças defensoras é mantido em reserva, como um potencial móvel de contra-ataque, para golpear o inimigo na região e no momento favoráveis.

No primeiro tipo, as reservas destinam-se a bloquear a penetração inimiga e a aprofundar ou restaurar a posição, seja pela ocupação de regiões preparadas, seja pela execução de contra-ataques. No segundo caso, porém, a idéia do contra-ataque predomina sobre a da integridade da posição. As reservas abrangem a maior parte das forças defensoras. O restante é disposto em uma posição avançada, composta de postos de observação, pontos fortes ou ilhas de resistência, que se podem ou não apoiar mutuamente.

A escolha do tipo defensivo a ser adotado não é uma questão de sim-



ples preferência ou temperamento do comandante da defesa. É condicionada por um conjunto de fatores que devem ser criteriosamente balanceados.

São condições que favorecem à defesa em posição:

(1) A missão exige que se mantenha uma certa região.

(2) O terreno restringe a manobra inimiga e propicia linhas naturais de resistência.

(3) As forças disponíveis são predominantemente de infantaria, com mobilidade limitada.

(4) O terreno e a situação aérea limitam a liberdade de movimento das reservas defensoras.

(5) Há tempo bastante para organizar a posição.

(6) O escalão superior possui adequadas reservas.

São condições que favorecem à defesa móvel:

(1) A missão facilita o combate em profundidade suficiente.

(2) O terreno facilita a manobra pelo defensor.

(3) O defensor possui mobilidade superior à do atacante.

(4) A situação aérea permite movimento livre das reservas.

(5) Não há tempo suficiente para organizar a posição defensiva.

(6) As reservas de que o escalão superior pode dispor são limitadas.

(7) O inimigo tem possibilidades de empregar armas de destruição em massa.

As figuras de 1 a 5, ilustram as várias modalidades dos tipos de defesa mencionados.

ESTUDO DE UM CASO CONCRETO

A 9 de setembro de 1946, o I Ex (1º, 2º e 3º C Ex) recebeu ordens para passar, temporariamente, à defensiva, enquanto o escalão superior concentrava forças destinadas a uma ofensiva em outra região. As 0800 horas desse dia, o 1º C Ex (2º, 7ª e 5ª DI e 3ª DB) encontrava-se na situação esquematizada na fig. 6.

O planejamento do C Ex prevê a instalação de uma defesa em posição, com três divisões em 1º escalão. O Cmt do I Ex determinou que cada C Ex apresentasse suas propostas sobre a localização da posição de resistência, definindo o traçado geral da LPR. Esta nada mais é do que a linha que balisa o limite avançado das áreas organizadas e ocupadas da posição defensiva.

O 1º Gpt Rec Mec, unidade de reconhecimento do C Ex, que se acha

em contacto com o inimigo na linha do Rio Negro, informa que a resistência inimiga se vem intensificando em toda a frente, nas últimas 24 horas. O reconhecimento aéreo identificou numerosas colunas inimigas de tropa a pé, artilharia e blindados, em deslocamento para oeste, provenientes das regiões de Savana e Tijuco Preto. O tempo está bom e seco.

O Rio Marabá, ao norte do Banhado Verde é navegável por tropa a pé; entretanto, em virtude das margens escarpadas e do fundo lodoso, é, sem obras adicionais, invadível por veículos de qualquer natureza. Todos os arroios permitem a travessia a vau, por tropa a pé. O Banhado Verde, o Banhado Grande e o Rio Marabá, ao Sul do Banhado Verde, são invadíveis por tropas e veículos. A trafegabilidade do terreno é boa em todas as demais regiões. As condições de campos de tiro, de cobertas e abrigos e de observação variam entre boas e excelentes.

Ao adotar uma atitude defensiva, por imposição da ordem recebida do I Ex, o Cmt do 1º C Ex não tem dúvida de que estará sacrificando uma fator primordial no sucesso da batalha: a liberdade de movimento. É preciso, entretanto, conservar uma dose de iniciativa. Além disso, a inferioridade que o conduz à defensiva, pode ser compensada, pelo menos parcialmente, por uma escolha prévia do terreno mais favorável a suas operações.

O Gen estuda a situação e o terreno, visando a selecionar a posição de resistência a ser proposta ao I Ex. Para realizar esta seleção, considera os fatores clássicos do terreno:

— Acidentes capitais do terreno — que deverão ser mantidos para assegurar a integridade da posição.

— Observação e campos de tiro — A observação dominante é importante para o controle dos fogos e para identificação das atividades inimigas. Os campos de tiro são essenciais, particularmente para as armas de tiro razeante.

— Obstáculos — que retardem a progressão do inimigo, levando-o a

colocar-se em situação desfavorável, sob os fogos observados da defesa.

— Cobertas e abrigos — para assegurar a proteção da defesa contra a observação e o fogo do inimigo.

— Vias de acesso — A defesa deverá bloquear as vias de acesso inimigas que penetram na posição, à frente e no interior da mesma.

— Vias de transporte — destinadas a facilitar o emprêgo das reservas e o apoio logístico das unidades avançadas.

Na zona de ação do C Ex, seu comandante encara três soluções possíveis e as analisa do seguinte modo:

1º) Linha do Rio Negro: É a posição atual do 1º Gpt Rec Mec. Apoiar-se em um bom obstáculo. Proporciona condições favoráveis quanto à profundidade e às vias de transporte. Não nos obriga, além disso, a ceder terreno ao adversário. Entretanto, acha-se sob a observação do inimigo em contacto, o que irá dificultar extraordinariamente sua organização.

2º) Divisor entre os Rios Negro e Marabá: A vantagem predominante dessa linha é a de não se achar sob as vistas diretas do inimigo, permitindo maior tempo para a organização da defesa. Entretanto, embora possa apolar-se nos arroios da Ema e das Damas, não possui a proteção de um obstáculo de vulto. Além disso, o Rio Marabá poderá embaraçar os movimentos na retaguarda do C Ex.

3º) Linha do Rio Marabá: Dispõe de um obstáculo, além da boa observação e bons campos de tiro. A rede rodoviária é adequada. Sua maior desvantagem é a de obrigar a cessão de uma extensa faixa ao inimigo. Ainda assim, haverá um ganho de tempo, favorável à melhor organização da posição.

Em consequência da análise exposta, o Cmt do C Ex decide propor o Rio Marabá como o traçado geral da LPR do C Ex. Conquanto não exista região perfeita, sob todas as condições desejáveis em uma posição defensiva, a do Rio Marabá é, incontestavelmente, a que reúne, no caso concreto, o maior número de vantagens.

SEGURANÇA DA POSIÇÃO DE RESISTÊNCIA

A defesa é normalmente protegida pelo emprego de elementos de segurança, entre a posição de resistência e o inimigo, destinados a proporcionar informações e a retardar, desorganizar, canalizar e iludir o atacante.

Esses elementos devem ser altamente móveis e agressivos. Sua atuação exige a existência de um adequado espaço de manobra. Em seu dispositivo mais completo, compreendem os seguintes escalões sucessivos, da frente para a retaguarda:

- Aviação de reconhecimento e combate.
- Força de cobertura (F Cob).
- Postos avançados gerais (PAG).
- Postos avançados de combate (PAC).
- Elementos de segurança local.

O Cmt do 1º C Ex passa a considerar o emprego dessas forças de segurança. Cabe-lhe acionar, diretamente, a F Cob e os PAG. A força aérea tática é responsável pelo controle das unidades aéreas

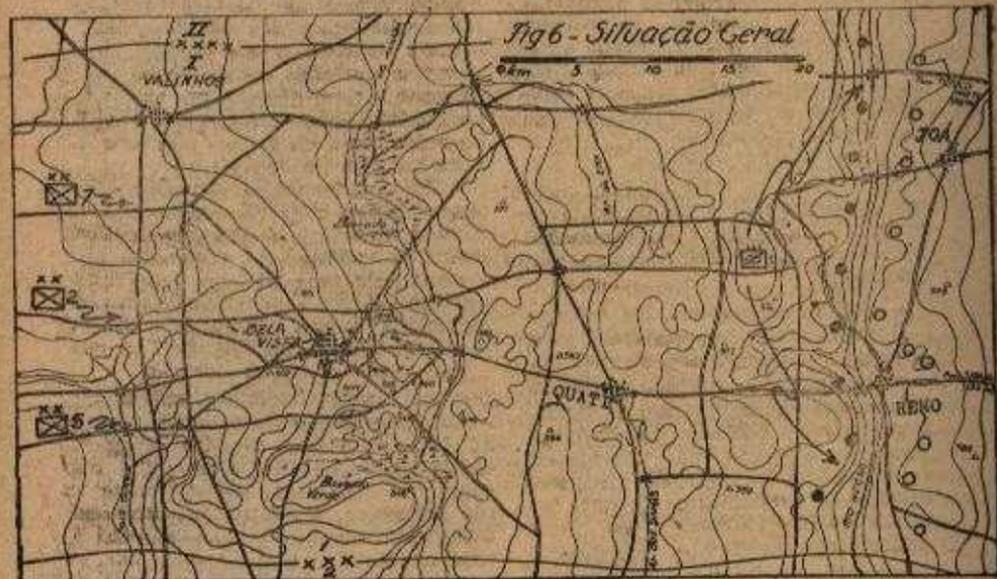
de apoio. Os escalões subordinados encarregam-se dos PAC e dos elementos de segurança local (Ver fig. 6).

A aviação de reconhecimento e combate proporciona informações com grande oportunidade e pode realizar ataques bastante profundos. Pode, além disso, dificultar a localização da posição defensiva pelo adversário atacando a aviação de reconhecimento deste.

A F Cob tem por missão estabelecer contacto com o inimigo, à frente dos PAG, e assegurar o máximo retardamento nessa faixa do terreno. A mobilidade e a potência características dos blindados, fazem-nos especialmente aptos para essa missão.

É normal que as unidades integrantes do grosso da F Cob sejam colocadas em reserva, após o acolhimento na posição. Um conveniente planejamento e medidas preparatórias adequadas, tornam-se necessários para esse posterior emprego.

No caso em estudo, o Cmt da C Ex pretende lançar a 3ª DB como F Cob do C Ex; a existência de outras forças, com missão semelhante



na frente do Ex. exigem uma certa coordenação.

A situação do 1º Gpt Rec Mec em contacto na linha do Rio Negro, sugere ao General a idéia de colocá-lo, "in loco", em reforço à 3ª DB (Fig 6). Onde estabelecer, entretanto, a posição inicial da F Cob?

A presente posição do 1º Gpt Rec Mec permite:

- manter o contacto com o inimigo;
- não ceder terreno sem necessidade;
- assegurar um espaço à retaguarda para a ação retardadora;
- aproveitar um bom obstáculo;
- utilizar as boas condições de observação proporcionadas pelo terreno, na margem W do Rio Negro.

A posição de cobertura deve permitir sua ocupação em condições favoráveis e situar-se o mais à frente possível, pois é preciso considerar-se o tempo que essa força deve ganhar à frente dos PAG, a fim de assegurar suficiente espaço de manobra para a ação retardadora. Algumas vezes, a F Cob poderá ser obrigada a atacar, a fim de obter esse espaço de manobra. Em nosso caso concreto, o Gen Cmt do 1º C Ex considera satisfatória a linha do Rio Negro para posição inicial da cobertura; resta-lhe encarar o problema da localização dos PAG.

Esses elementos de segurança proporcionam informações sobre o avanço inimigo e devem permitir prazo suficiente para que a posição defensiva se prepare para o combate. Constitui ponto de relevo em sua missão, obrigar o adversário a desdobrar-se prematuramente e iludi-lo sobre a verdadeira localização da posição. Cabe-lhes, ainda, proteger o retraimento da F Cob e impedir ao inimigo, inicialmente, a observação terrestre direta, da posição principal.

O comandante do C Ex examinando a região entre os Rios Negro e Marabá, conclui que a linha de alturas norte-sul, balisada de modo

geral, pelas cotas 371, 363 e 356, satisfaz às condições exigidas pois:

- impede ao inimigo a observação terrestre aproximada da posição defensiva;
- coloca a posição defensiva fora do alcance do grosso da artilharia do adversário;
- tira partido dos arroios da Ema e das Damas, como obstáculos à progressão inimiga;
- possui bons observatórios e bons campos de tiro; e
- assegura um espaço de manobra à retaguarda.

Embora caiba normalmente às divisões de primeiro escalão fornecer os elementos da linha dos PAG, sua localização é prescrita pelo C Ex que fixa os pontos limites e estabelece prescrições para a conduta desses órgãos de segurança, tendo em vista coordenar suas operações em toda frente do Corpo.

A POSIÇÃO DE RESISTÊNCIA

O plano de operações do 1º C Ex estabeleceu as seguintes prescrições de interesse para a 2ª DI:

"A 2ª organizará e defenderá o setor indicado no calco n. x (Ver fig. 7)".

A F Cob manterá o inimigo à frente dos PAG até a noite de 11 para 12 de setembro.

Estamos agora às 1000 horas de 9 de setembro, no PC da 2ª DI, onde seu Cmt, após ter realizado o reconhecimento pormenorizado, aéreo e terrestre, de sua zona de ação, e recebido os estudos da situação por seu estado-maior, estabelece as bases para a montagem da defensiva no setor divisionário.

O planejamento de uma defesa em posição desenvolve-se normalmente na seguinte seqüência:

- 1º — Determinação das regiões a serem ocupadas.
- 2º — Determinação dos efetivos a empregar em sua ocupação.
- 3º — Seleção inicial dos limites.
- 4º — Organização das áreas a defender pelas unidades, nas respectivas zonas de ação.
- 5º — Reconhecimento pelas unidades, das regiões de ocupação.

6º — Ajustamento de limites e áreas, se necessário.

7º — Preparação dos planos de contra-ataque.

Em uma defesa em posição, a posição defensiva compreende um conjunto de áreas de defesa, dispostas em largura e profundidade, organizadas nuclearmente e visando a manutenção, dos acidentes capitais do terreno.

Ao coordenar suas idéias, o Gen Cmt da 2ª DI tem em mente que as unidades a considerar como base para o planejamento da defesa são os batalhões, que recebem zonas de defesa compatíveis com suas possibilidades, normalmente de 1.200 e 2.400 metros de frente e de 800 a 1.400 metros de profundidade.

A frente defensiva da 2ª DI é de, aproximadamente, 10 km. O terreno permite que os batalhões possam organizar suas posições na LPR, assegurando o apoio mútuo entre as mesmas, em toda a frente.

Concordando com os argumentos apresentados pelo E3, durante o estudo da situação, o Cmt da 2ª DI encara, em sua zona de ação, duas vias de acesso principais, balisadas pelas duas rodovias penetrantes.

Assim, sua concepção dos núcleos de 1º escalão é formulada do seguinte modo (Ver fig 8):

— Ao norte, um núcleo de batalhão (1) barra a via de acesso inimiga, balisada pela rodovia, nessa região.

— No centro, um núcleo (3) é estabelecido, a cavaleiro do compartimento do Córrego Belo, barrando a via de acesso que provém de Quati.

— Entre os núcleos (1) e (3), um terceiro núcleo (2) barra a via de acesso secundária, balisada pela estrada que se orienta para as alturas 408.

— Ao Sul, finalmente, localiza-se o núcleo (4), em contra encosta, mantendo as alturas 360.

O terreno, como no presente caso, nem sempre permite a instalação de núcleos na encosta avançada, em toda a frente. É usual alternarem-se e na contra-encosta, mesmo dentro dos batalhões.

A organização da defesa em contra-encosta é aconselhável quando a posse da crista à frente não é essencial para a observação do tiro e quando a encosta avançada é muito vulnerável. Esse tipo de defesa proporciona proteção e facilita a surpresa, embora, sob o ponto de vista de campos de tiro, apresente inconvenientes.

Estabelecidos os núcleos da PR, encara agora, o Cmt da DI, o problema dos limites entre os regimentos de 1º escalão.

Os limites definem responsabilidades para a defesa dos acidentes capitais e para o bloqueio de vias de acesso. Devem ser estendidos para a frente da LPR, no mínimo a uma distância que permita a observação terrestre eficiente dos postos avançados de combate, e, no máximo, à exigida para a coordenação dos fogos da artilharia de apoio aos regimentos de 1º escalão. Para a retaguarda, são fixados de forma a distribuir áreas de responsabilidades de defesa e proporcionar espaço para as instalações de comando e de serviços regimentais.

Limites de retaguarda de regimento poderão ser, também, designados quando há necessidade de estabelecer uma segura defesa contra guerrilhas, infiltrações e ataques aeroterrestres, inimigos.

No presente caso, o Cmt da DI aprovou o limite consignado na figura 8, ao norte do Córrego Belo, localizando, em seguida, os núcleos defensivos (5) e (6) a serem ocupados pelos batalhões reservas dos regimentos de 1º escalão.

Sobre o limite, nas proximidades de acidentes do terreno facilmente identificável, deve ser localizado um ponto limite, que indica o lugar onde o comandante deseja que unidades subordinadas adjacentes coordenem sua defesa. No caso em estudo, o E3 da 2ª DI propõe uma localização, aprovada pelo Gen Cmt, a 100 metros ao norte da ponte sobre o Rio Marabá, como está indicado na fig. 8.

ORGANIZAÇÃO DA DEFESA EM PROFUNDIDADE

A necessidade de absorver a impulsão do ataque inimigo e elimi-

7. Zona de Ação da 2ª DI

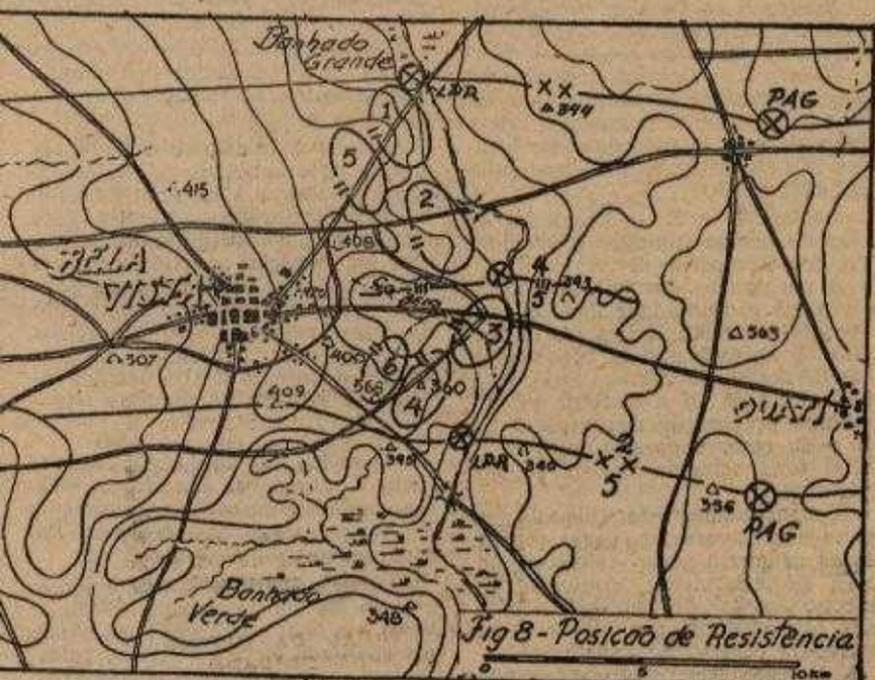
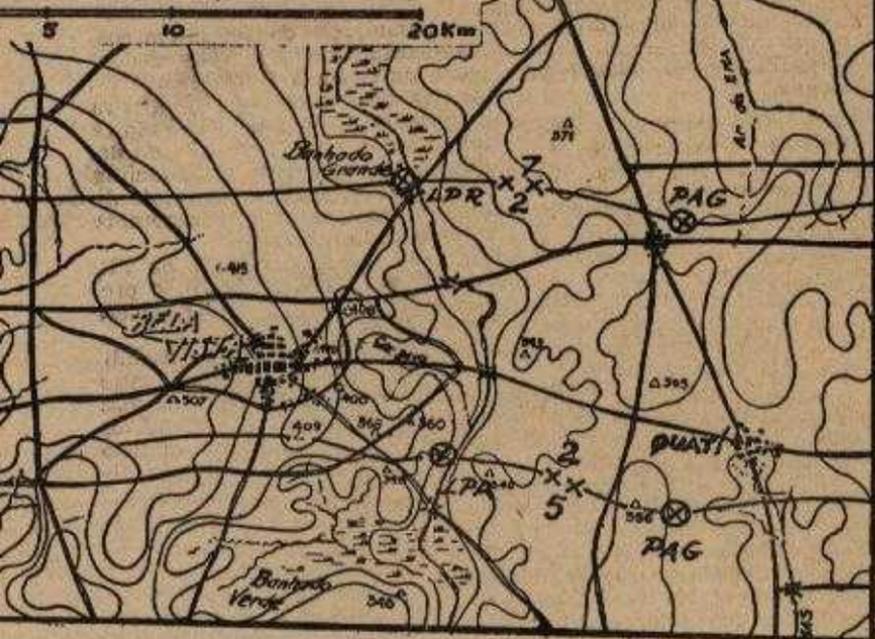


Fig 8 - Posição de Resistência

nar suas penetrações exige que a defesa seja organizada em profundidade pela preparação de posições no interior da área dos regimentos de 1º escalão e à retaguarda destes. Essa organização se fundamenta essencialmente na posse de regiões críticas do terreno e no bloqueio de vias de acesso favoráveis ao inimigo. Dentro desse conceito e consoante um planejamento de conjunto, cada escalão prepara uma ou várias posições a serem ocupadas, sob determinadas circunstâncias.

Os planos de contra-ataque devem ser estreitamente correlacionados com essa preparação.

A fig 9 apresenta a localização desses núcleos defensivos no planejamento defensivo da 2ª DI, cuja justificativa é a seguinte:

Núcleo A — Assegura profundidade ao setor do 4º RI. Bloqueia a via de acessos inimiga, ao norte da zona de ação. Garante as possibilidades de observação das alturas 408 e pode servir como base de fogos para um contra-ataque nessa região.

Núcleo B — Domina o compartimento do Córrego Belo que é a região mais fraca do setor.

Núcleo C — Domina duas vias de acesso inimigas, uma provinda do flanco Sul e outra segundo a crista balisada pela estrada que, das alturas 360 se dirige para a localidade de Bela Vista.

Núcleos D e E — Dominam as vias de acesso inimigas provenientes dos flancos da divisão.

A preparação dos núcleos defensivos em profundidade deve obedecer a uma certa ordem de urgência. A necessidade de bloquear a via de acesso do Córrego Belo, leva o Cmt da 2ª DI a atribuir prioridade à preparação dos núcleos A, B e C, reservando aos núcleos D e E uma segunda ordem de urgência.

A reserva deverá ser disposta em condições favoráveis para ocupar esses núcleos, seja inicialmente, seja posteriormente, conforme as circunstâncias do combate. Uma vez ocupados, passam eles a fazer parte da posição de resistência.

A defesa anticarro é estabelecida em toda a profundidade da posição.

Para esse fim, as unidades regimentais de cargos podem ser dadas em reforço aos batalhões de 1º escalão ou à reserva regimental. A via de caros do regimento reserva aumenta a profundidade dessa defesa.

Normalmente, o batalhão de carros divisionário é disposto em reserva, sendo o contra-ataque sua missão primordial.

A manutenção das reservas em zonas de reunião ou ocupando, desde o início, posições preparadas, depende da situação e constitui importante decisão do comandante. A ocupação inicial pode, por exemplo, oferecer maior proteção contra armas de destruição em massa e proporcionar melhor aproveitamento das cobertas e abrigos. Em contraposição, nesse emprego, as posições defensivas são mais identificáveis pelo reconhecimento aéreo, as tropas ocupantes tornam-se mais facilmente fixadas por fogos maciços de artilharia, as condições de suprimento são mais dificultadas e os deslocamentos para outras regiões tornam-se mais demorados.

Nas condições do caso em estudo, o Cmt da 2ª DI decide não ocupar, previamente, as posições organizadas.

A reserva divisionária deve ser dotada de mobilidade e, sua localização assegurar a máxima flexibilidade de emprego, podendo este consistir na substituição de unidades em posição, participação em contra-ataques, preparação de posições defensivas ou aprofundamento da defesa pela ocupação de núcleos à retaguarda. Estudando o problema, o Cmt da 2ª DI decidiu localizar a reserva na seguinte situação (Ver fig 9):

— 1/6º RI, em uma região desenhada, à retaguarda das alturas 400, em condições de ocupar sem perda de tempo uma das posições de aprofundamento A, B ou C.

— 6º RI (-1 Btl), imediatamente a noroeste da localidade de Bela Vista, em boas condições para atuar em qualquer parte da frente, pelas vantagens da rede de estradas existente.

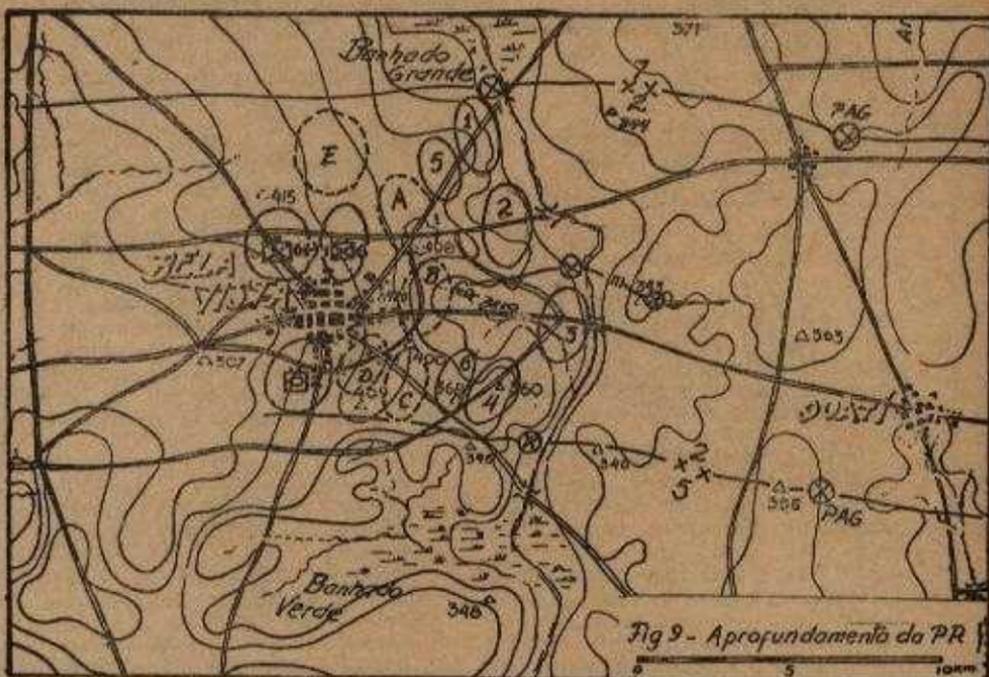


Fig 9 - Aprofundamento da PR

— 2° BCC, em zona desafiada, aproveitando, também, as vantagens da rede de estradas.

Em cada zona de reunião, os elementos da reserva divisionária poderão assegurar o necessário repouso, conduzir a instrução e a manutenção, e receber recompletamentos, fora do alcance do grosso da artilharia inimiga.

POSTOS AVANÇADOS GERAIS E DE COMBATE

Os PAG são ocupados, normalmente, por forças divisionárias não empenhadas na PR. O valor e a composição dessas forças dependem da situação e os inúmeros fatores que o conduzem o Cmt da DI a uma decisão a esse respeito incluem:

- possibilidades do inimigo;
- meios disponíveis;
- terreno;

— prazo exigido para organizar a PR;

— número e extensão das posições a serem organizadas à retaguarda.

De qualquer forma, as forças dos PAG devem atender às seguintes condições:

- existência de um comando, ou comandos, capazes de controlar e coordenar suas operações;
- mobilidade;
- capacidade de retardamento;
- potência suficiente para a condução das ações à frente da posição;
- apoio logístico adequado.

Os PAG são, em geral, organizados à base de infantaria, artilharia, blindados, engenharia e elementos de serviços, incluindo meios de transporte. Na situação considerada, o Cmt da DI decidiu consti-

tuir a força lançada para os PAG, do seguinte modo:

— 6º RI (2 Btl)

Reforços:

2 BCC

2º Esqd Rec Mec

3º/2ª BE Cmb

6º GO 105 AR (+ 3ª/2º Go

155 Ar, + 3ª/2º G Can

Au AAC 40 AR)

O reforço em artilharia média explica-se pela necessidade que terão os PAG de se empenharem em fogos afastados para desorganizar o avanço inimigo e obrigar o adversário a um desdobramento prematuro.

Os dois batalhões do 6º RI que permanecem na reserva, desde o início, serão empregados na organização dos núcleos da retaguarda.

Os PAC, como vimos anteriormente são, via de regra, prescritos pelos comandos regimentais de primeiro escalão, entretanto, o Cmt da DI poderá fixar o ponto limite onde deseja a coordenação entre os regimentos. A localização dos PAC deve assegurar a observação à frente da LPR e impedir ao inimigo a observação aproximada da posição. A distância dos PAC à frente da LPR variam de 800 a 2.000 metros. Assim, os da 2ª DI poderão ser instalados na linha de alturas balisadas pelas cotas 344, 343 e 340 (Ver fig. 9). O Cmt da DI decidiu estabelecer o ponto limite relativo aos PAC nas alturas 343.

Normalmente, convém que os PAC sejam fornecidos pelos batalhões de 1º escalão; quando provêm da reserva, deverão ser postos em reforço aos batalhões de 1º escalão. Seu valor não excede, normalmente, a um pelotão reforçado, por batalhão.

PLANEJAMENTO DE CONTRA-ATAQUES

As penetrações inimigas na posição de resistência são eliminadas mediante uma combinação de fogos e de contra-ataques.

Os planos de contra-ataques são montados na base das penetrações prováveis. O preparo da operação inclui, além do planejamento, os ensaios realizados pelos elementos principais da força de contra-ataque. As circunstâncias da situação determinam as modificações que esses planos deverão sofrer, por ocasião de sua colocação em vigor.

São princípios básicos no planejamento e execução dos contra-ataques, a unidade de comando na zona de ação respectiva e o emprego da reserva como um todo.

O Cmt da 2ª DI determina que seu E3 estude um plano de contra-ataque para eliminar a penetração inimiga indicada na fig. 10. O E3 considera os seguintes dados e problemas:

- penetração suposta,
- objetivo do contra-ataque,
- posição (ou posições) de ataque,
- linha de partida,
- direção de ataque,
- medidas de controle,
- previsões para reorganização do setor após o contra-ataque.

A penetração figurada deve ser suposta como o limite extremo que o ataque inimigo pode atingir. Assim, um plano de contra-ataque deve ser preparado para desencadeamento quando essa profundidade for alcançada, ou mesmo antes que tal aconteça.

A solução desse problema irá depender das informações sobre o inimigo, da supervisão e controle exercidos pelo comando divisionário e do oportuno acionamento das reservas da DI.

O objetivo deve ser selecionado por forma a assegurar o restabelecimento da posição. O E3 divisionário encara esse objetivo nas alturas SE da cota 360 (Ver fig. 11).

A posição de ataque deve ser acessível, mais ou menos perpendicular à direção de ataque, e bastante próxima das forças inimigas para evitar que as forças de contra-ataque se desorganizem antes de atingi-las. Deve também assegurar certa proteção contra as armas individuais e outras de tiro razante. No caso em apreço, a estrada que

Fig 10 - Penetração considerada

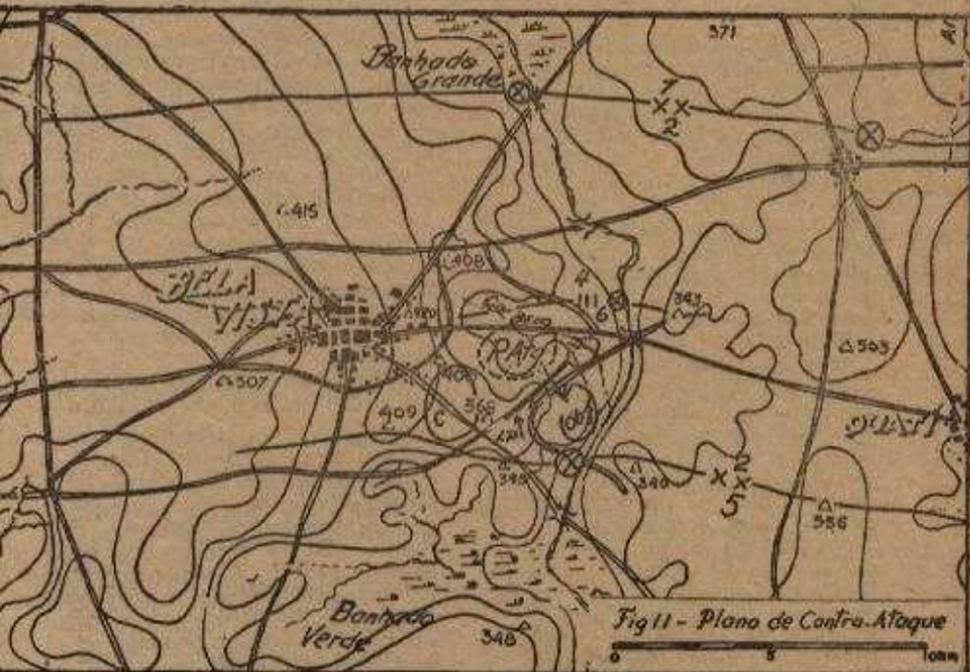
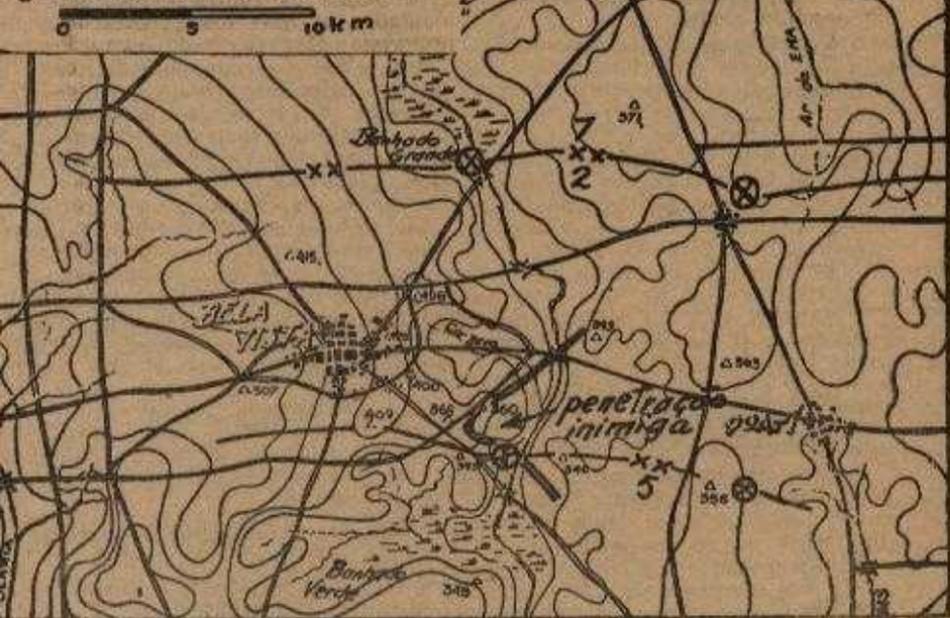


Fig 11 - Plano de Contra-Ataque

passa imediatamente a W das alturas 360 apresenta boas condições para essa finalidade.

A direção de ataque deve golpear o inimigo de preferência sobre um de seus flancos, permitir observação dominante e favorecer a utilização de blindados, no caso de sua participação no contra-ataque. A direção balizada pela crista que das alturas 360, se orienta para sudeste, foi considerada a mais vantajosa, pelo E3.

A força de contra-ataque será constituída pelo 6º RI (1º BI) e 2º BCC. O 1º/6º RI ocupa o núcleo defensivo C para limitar a penetração inimiga.

Uma série de medidas de controle deve integrar o planejamento, englobando, principalmente:

- designação de limites,
- coordenação para evitar a interferência em áreas defendidas por forças amigas,
- ocupação de núcleos defensivos à retaguarda,
- coordenação do apoio de fogos,
- previsão de unidade de comando na área do contra-ataque.

Essa última condição é atendida, no caso do plano em estudo, pela colocação de todos os elementos na zona de ação do contra-ataque, sob o comando da força contra-atacante e pela atribuição ao 6º RI da responsabilidade da antiga zona de ação do 5º RI, como indicado na fig. 11. Essa definição de responsabilidade exprime outrossim uma idéia básica para reorganização do setor, após o contra-ataque. O 6º RI assumirá a defesa das posições anteriormente atribuídas ao 5º RI.

O 2º BCC que será dado em reforço ao 6º RI para o contra-ataque, reagrupar-se-á após este, revertendo ao controle da DI. A reserva divisionária será constituída, por conseguinte, pelos 5º RI e 2º BCC, que deverão ser convenientemente reorganizados e reabilitados.

No período crítico do contra-ataque e antes da reconstituição da reserva, a DI ficará praticamente com todos os meios empenhados. As unidades de serviços, à exceção do batalhão de saúde, devem permane-

cer em alerta para pronta reunião em locais previamente designados, e possível entrada em ação.

Em princípio, nenhum contra-ataque deve ser desencadeado sem prévio conhecimento do escalão superior. Assim, no caso da 2ª DI, o 1º C Ex deve ser cientificado de que essa GU irá empregar tôdas as suas reservas.

Um contra-ataque só poderá obter sucesso se a impulsão do ataque inimigo for detida ou bastante limitada. O quando desencadear a operação de um contra-ataque é uma das mais importantes decisões que um comandante poderá ser chamado a tomar.

DEFESA MÓVEL

Para o estudo da defesa móvel vamos supor uma evolução de acontecimentos:

Estamos agora às 0800 horas de 10 de setembro.

O Cmt da 2ª DI está de posse das seguintes informações:

— Uma das divisões mecanizadas do inimigo foi assinalada na frente do II Exército.

— O 1º C Ex recebeu, do 1º Ex, ordens para liberar, dentro de 48 horas, duas divisões de infantaria que serão deslocadas para o norte.

— O Cmt do 1º C Ex determinou à 2ª DI e à 3ª DB que preparassem planos para uma defesa móvel nas respectivas zonas de ação (Fig. 12).

— A 3ª DB deixará um GT disponível como reserva do C Ex. Esse GT, reforçado pelo 1º Gpt Rec Mec, constituirá a F Cob.

— A 2ª DI receberá meios de transporte para sua completa motorização.

— Um BCC e um GO 105 AP serão dados em reforço à 2ª DI.

Cumprindo a determinação do C Ex o Cmt da 2ª DI encarou o planejamento da defesa móvel no setor divisionário, segundo o esquema representado pela fig. 12.

Essa solução baseia-se na consideração de que, a região mais importante do terreno a ser defendida pela 2ª DI é a crista norte-sul que se estende segundo as alturas 415, 420 e 409.

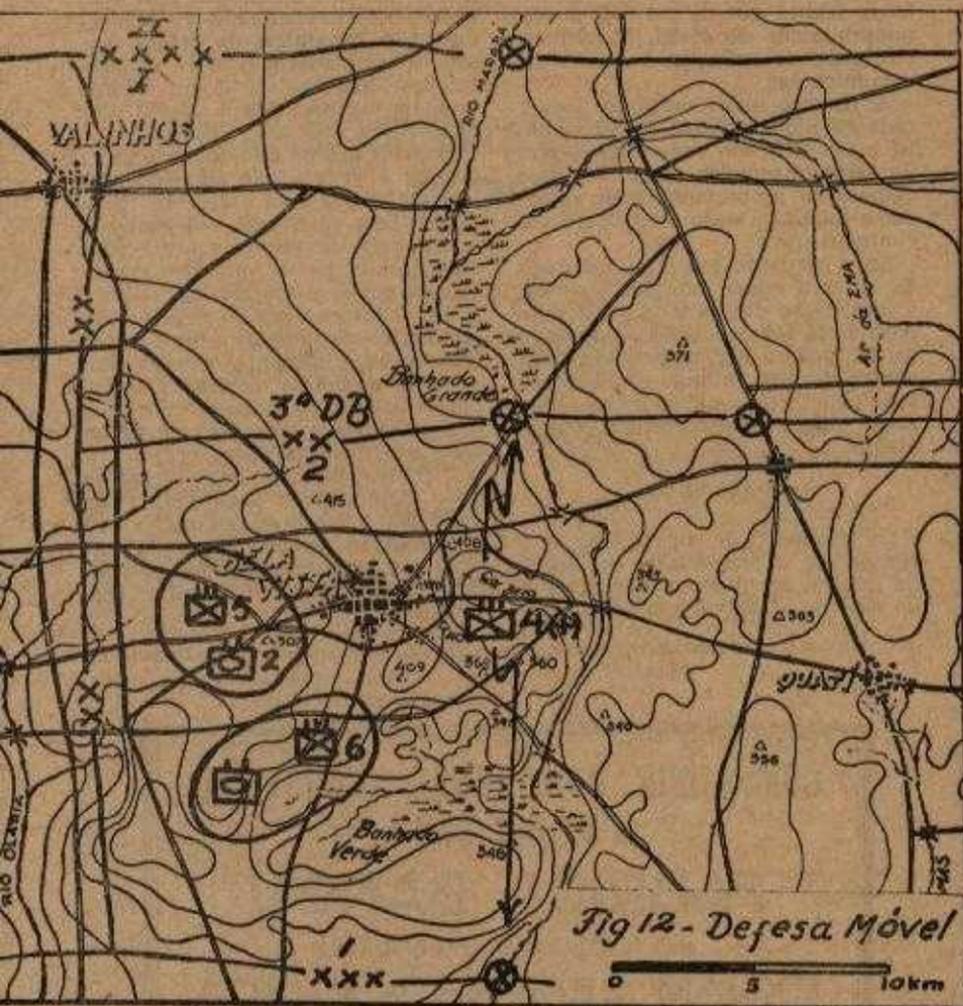


Fig 12 - Defesa Móvel

O estabelecimento dos PAG é semelhante ao realizado na defesa em posição.

A largura do setor e as forças disponíveis não permitem, evidentemente, organizar tôdas as regiões capitais da posição em "ilhas de resistência" e manter ainda uma reserva potente.

O 4º RI, reforçado pelo 2º Eq Rec Mec, receberá a missão de ocupar a posição avançada. Esta é composta de postos de observação (postos de escuta, à noite) e pon-

tos fortes, de valor variável, conforme a missão, o inimigo e o terreno. Os postos de observação são destacados pelos pontos fortes, com a missão de observar e informar sobre as atividades do inimigo. Os pontos fortes são localizados em acidentes críticos do terreno, com a missão de iludir, retardar e canalizar o atacante para regiões que lhe sejam menos favoráveis.

Os pontos fortes são fracamente mantidos e devem preparar planos para seu retraimento, em caso de

necessidade, e mediante ordem do escalão superior. Em razão da extensa frente que ficará sob a responsabilidade do 4º RI, haverá necessidade de reforçar os meios de comunicações.

A reserva divisionária foi localizada em duas áreas diferentes, um RI e um BCC em cada uma. Além de assegurar maior dispersão, esse dispositivo proporciona boas coberturas e facilita a ação da reserva em contra-ataques.

Se a situação exigir o emprêgo da reserva como uma força única, a localização dessas forças e a rede rodoviária favorecem-no. A reserva da DI poderá ser empregada para contra-atacar o inimigo ou bloquear sua penetração, cabendo ao C Ex, nesse último caso, realizar o contra-ataque.

CONCLUSÃO

Os manuais de operações, que consagram e metodizam as lições da guerra, acentuam a importância do espírito ofensivo, mesmo quando

os fatores da situação obrigam à adoção de uma defensiva. Esse conceito se concretiza, não só através das ações dinâmicas da defesa, que são os contra-ataques e as concentrações maciças de fogos, como também na resistência moral dos defensores.

O princípio de que só a ofensiva conduz à vitória não significa que toda defensiva leva à derrota. Uma defesa bem planejada e organizada pode acarretar perdas tão elevadas ao atacante que o coloquem em situação moral e material difícil.

Em todos os tipos de defesa o fator básico de sucesso, como acentuamos anteriormente, consiste em se tirar o melhor partido possível das situações de vulnerabilidade a que se expõe o atacante, em diversas fases de suas operações.

E nessa ocasião que a defesa deve desencadear seus golpes de violência, valendo-se dos meios que a utilização conscienciosa do terreno e o conhecimento das possibilidades inimigas lhe permite economizar.

**COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL
DO BRASIL**

FABRICA BANGÚ

TECIDOS FINOS

EXIJAM SEMPRE A MARCA



QUE GARANTE:

CÔRES FIRMES, PERFEIÇÃO E DURABILIDADE